

Meà e a luta contra o avanço do coronavírus entre os Apinajé

Sheila Baxy Pereira de Castro Apinajé¹

RESUMO

Neste texto, conto como a organização das lideranças e a atuação dos guardiões são fundamentais para lutarmos contra o avanço da pandemia da doença Covid-19 que nos traz lembranças de momentos terríveis para nosso povo e de doenças muito perigosas. Mostro a força da união Apinajé para que consigamos superar a crise que o mundo vive atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: Organização. Luta indígena. Resistência. Covid-19.

Meà y la lucha contra el avance del coronavirus entre los Apinajé

RESUMEN

En este texto cuento cómo la organización de los líderes y el rol de los guardianes son fundamentales para luchar contra el avance de la pandemia de la enfermedad Covid-19 que nos trae recuerdos de momentos terribles para nuestra gente y enfermedades muy peligrosas. Muestro la fuerza de la acción Apinajé para que podamos superar la crisis que vive el mundo.

PALABRAS-CLAVE: Organización. Lucha indígena. Resistencia. Covid-19.

Sou Sheila Baxy Apinajé, estudante do Curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás. Sou professora e técnica em enfermagem e estou na linha de frente do combate ao avanço da doença Covid-19 em meu povo. Atuo com meus parentes na Barreira Sanitária Indígena que controla as pessoas que entram e saem do território Apinajé e ajudo a orientar a conscientização e prevenção nas aldeias.

O território indígena Apinajé se localiza no norte do Tocantins, na região conhecida como Bico de Papagaio. Falamos nossa língua materna há mais de 500 anos e somos cerca de 2.900 indígenas. Nosso povo é conhecido pelas corridas de tora, cantorias e danças

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG). Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: sheilaapinaje@gmail.com.

tradicionais. Residimos próximo ao rio Tocantins, nas divisas dos municípios de Tocantinópolis, Maurilândia, São Bento e Luzinópolis no estado do Tocantins.

Há quatro meses fomos informados pela Equipe Emergencial do Município de Tocantinópolis sobre a necessidade de enfrentamento da pandemia da doença Covid-19. Soubemos informações sobre a transmissão do novo coronavírus causador da doença, que é disseminada e transmitida de pessoa a pessoa, causando infecções ou mesmo pode ser transmitida de pessoas assintomáticas. Soubemos também sobre como se dá um quadro grave. Nas aldeias poucas pessoas conheciam esta doença e alguns já estavam começando a se informar pela televisão e rádio. Soubemos também que a nova doença avança intensamente sobre territórios indígenas causando muito sofrimento. Já são muitos povos e parentes afetados por esta doença que tem origem fora do mundo indígena.

No momento, entre os Apinajé, estamos bem ameaçados pois esta nova doença se aproxima por meio dos muitos casos confirmados nos municípios vizinhos. Em algumas semanas houve, inclusive, as primeiras mortes.

Figura 1 – Boletim epidemiológico nº 145



Fonte: Prefeitura de Tocantinópolis (2020).

Começamos de início a viver um surto psicológico da doença, pois os Apinajé, em suas memórias, já tinham passado por outra epidemia. Lembramos que no surto da varíola (gripe Espanhola) em 1808 muitos indígenas faleceram, quase levando nosso povo à extinção. Foi um momento muito violento para nosso povo.

Para os mais velhos esta nova doença é como mē à, conhecida pelo nome de kuyt kak, que é a doença do macaco guariba, que traz gripe muito forte, febre muito alta e pode matar muito rápido. O ancião José Ribeiro (Zé da Doca) diz que a doença não tem chocalho para nos avisar e que está confundindo, atacando o lado psicológico, porque os não indígenas estão morrendo e nós podemos vir a sumir da terra.

Nesta direção uma jovem da aldeia Serra Dourada falou até mesmo em cometer suicídio. Os anciãos relatam que devemos ser obedientes e respeitosos, seguindo as regras, pois temos medo do que aconteceu anteriormente, na outra epidemia.

As lideranças Apinajé começaram a pensar em estratégias para conter o avanço da doença. Os caciques se reuniram para elaborar um plano para conter o fluxo de indígenas na cidade e montaram pontos estratégicos, que são Barreiras Sanitárias Indígenas compostas por agentes de saúde indígenas, professores indígenas, cacique e lideranças nas principais saídas do território, formando grupos que ficam direto nas barreiras, com troca de plantões.

O gestor da cidade de Tocantinópolis-TO, junto com a Secretaria de Saúde, elaborou então estratégia de apoio a nós indígenas disponibilizando um centro de isolamento na cidade. Se houver caso suspeito ou paciente que chega de outros hospitais, fica em isolamento, antes de retornar para suas aldeias. Além disso, o município apoia com contratação de profissionais de saúde para atuarem nas aldeias realizando triagem, orientação e a prevenção contra COVID-19.

A prefeitura se disponibilizou a manter barreiras sanitárias com alimentação e material higiênico de proteção como álcool gel, álcool 70, sabão líquido, água sanitária, entre outros materiais. As barreiras são muito importantes para conter o movimento de pessoas, pois nós dependemos indiretamente de irmos às cidades vizinhas. A prefeitura da cidade de Tocantinópolis e de Maurilândia fizeram decretos proibindo vans de transportarem indígenas e carros de comerciantes de entrarem nas aldeias, evitado aglomerações.

O DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins e o Pólo Base de Tocantinópolis ainda não apresentaram um plano emergencial no apoio ao enfrentamento da pandemia causada pelo novo coronavírus, sendo que o Pólo Base tem os serviços de atenção básica à saúde nas comunidades indígenas.

Necessitamos ainda comprar alimentos na cidade porque nossa mata, rios e córregos têm diminuído ano a ano e a caça e os peixes estão se tornando mais difíceis de serem encontrados. Nosso território é cercado por municípios, fazendas e empreendimentos, como plantações, desmatamentos e grandes barragens para hidrelétricas no Rio Tocantins, que afetam intensamente os ecossistemas do Cerrado.

Figura 2 – Aldeia Patizal recebendo orientações pela equipe volante



Fonte: A autora (2020).

Recebemos mais um apoio nas Barreiras Sanitárias Apinajé dos Brigadistas PreVfogo/IBAMA, ajudando a orientar as comunidades a não colocar fogo na roça sem a presença deles, orientando também para evitar a fumaça das queimadas que podem causar doença respiratória e pulmonar.

Os membros das Barreiras Sanitárias Indígenas Apinajé são fundamentais nesta luta. São os guardiões, pois guardam suas comunidades com segurança e deixam as comunidades mais confiantes. Estão expostos diretamente ao vírus, correndo o risco de contraírem o novo coronavírus. Devem permanecer de máscara, viseira de rosto, luva, e avental de proteção, esses EPI's.

As Barreiras Sanitárias Indígenas ficam nos limites do território. Uma está na divisa com Tocantinópolis, dentro do nosso território, na rodovia Transamazônica. Esta barreira guarda 23 aldeias Há outra barreira sanitária que fica localizada na TO-126, a qual liga as cidades Tocantinópolis e Maurilândia. E outra barreira na entrada da aldeia Prata que tem entrada pela estrada e pela aldeia Cocal Grande, guardando mais 26 aldeias. Os guardiões

fecharam assim as duas pontas de acesso ao território, pelo lado da aldeia Mariazinha e pelo lado da aldeia São José. Fizemos o círculo de proteção das aldeias.

Figura 3 – Barreira sanitária aldeia São José na Rodovia Transamazônica



Fonte: A autora (2020).

Figura 4 – Barreira Sanitária na aldeia Mariazinha na TO-126



Fonte: A autora (2020).

Os guardiões passam 24 horas por dia nas barreiras, sem interrupção, já há vários meses. Não pensam em desistir. Somos guerreiros e guerreiras. Alguns órgãos que se dizem parceiros, já nos deixaram, mas nós, integrantes das barreiras, nos fortalecemos e seguimos lutando contra essa doença silenciosa, que está destruindo a cada dia a nossa convivência,

limitando o contato com o distanciamento, com regras impostas que temos que cumprir para não morrermos.

Muitas vezes, ainda, ouvimos palavras preconceituosas dos não indígenas, das cidades vizinhas, afirmando que nós temos que trabalhar e não atrapalhar o desenvolvimento dos empresários, que passam por dentro do nosso território, pelas estradas que cortam nossa área. Eles não entendem que protegendo a nossa terra, a nossa mata, os nossos rios e córregos e o céu, que está nos vendo, protegemos o planeta.

Além do avanço da Covid-19, seguimos protegendo nosso território contra os invasores, contra a caça e a pesca ilegais, garantindo mais sustentabilidade ao Cerrado e evitando novas doenças.

Figura 5 – Liderança Trajano Ribeiro Apinajé da aldeia Águas Linda.



Fonte: A autora (2020).

Com as reuniões, os caciques conseguiram com que todas as aldeias apoiem e ajudem nessa luta. Todas recebem também orientações de como se comportar no enfrentamento da pandemia. Ficou proibido: entrada de pessoas estranhas nas aldeias, realização de Festa Cultural e outros movimentos, realização de torneio de futebol, entrada de carro de frete e outros meios, o que afeta nosso jeito de conviver com os parentes.

Evitamos ainda visitar os parentes em outras aldeias e jogos de futebol na aldeia no fim de tarde evitando fraturas. As crianças evitam subir ou brincar em árvores para não causar queda.

Para sairmos do território, um membro vai até as barreiras sanitárias para fazer o agendamento de futuras saídas explicando os motivos. Quem retorna da cidade passa por higienização de seu automóvel, assim como as compras são higienizadas. Controlamos temperaturas de saída e chegada que são anotadas numa planilha de controle quando se entrega crachás. Neste momento, recebe-se orientações de cuidados no retorno à aldeia, como tomar banho, separar e lavar as roupas que usou lavar a máscara que usou, não permitir as crianças brigarem com as máscaras, higienizar sempre as mãos com álcool em gel e higienizar item por item antes de consumir ou guardar.

Figura 6 – Barreira Sanitária



Fonte: A autora (2020).

Fica ainda restrito os números de saídas diárias de indígenas, sendo permitido 10 pessoas pela manhã e 10 pela tarde, com autorização por crachás. Se alguém passar sem a autorização é punido pela barreira que informa para a polícia que está nos apoiando, orientando para todos se protegerem. Escolhemos também um membro apenas da família para ir à cidade fazer as compras, quem é orientado como se comportar na cidade, usando a máscara, não se aproximando dos não indígenas, usando álcool em gel nas mãos e nos antebraços nos locais de entrada dos estabelecimentos.

Os indígenas, com quadro gripal, ficam em casa sendo observados pelo período de 5 a 14 dias. Àqueles com doenças crônicas não saem das aldeias. Fica também proibido pelas barreiras sanitárias indígenas Apinajé que idosos e crianças tenham contato com a cidade, pois o número de casos lá só aumenta.

Figura 7 – Saída e entrada da aldeia passando álcool em gel e entrega de crachás



Fonte: A autora (2020).

Figura 8 – Aldeia Mariazinha com Professor Julio e limpeza das compras



Fonte: A autora (2020).

Figura 9 – Sheila Apinajé passando álcool 70 nas compras antes de ir para aldeias



Fonte: A autora (2020).

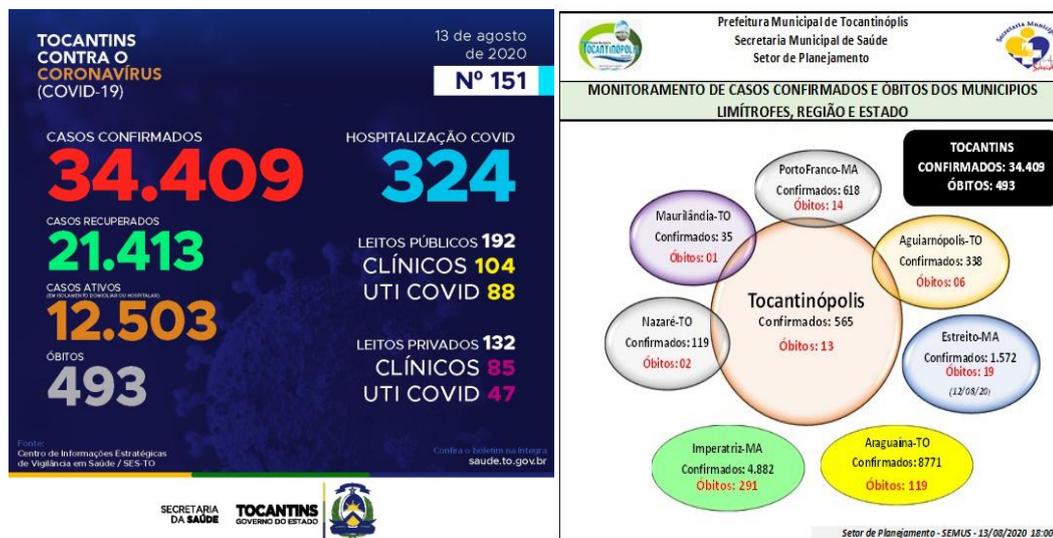
Figura 10 – Orientação em Barreira Sanitária



Fonte: A autora. (2020).

Graças a nossa luta, a organização das lideranças, a nossa atuação, dos guardiões Apinajé e a conscientização de nosso povo que lembra dos impactos violentos das epidemias antigas e sabe o perigo de m̃ea que até, hoje, dia 14 de Agosto de 2020, não há registro de casos confirmados nas aldeias Apinajé.

Figura 11 – Boletim Epidemiológico nº 151.



Fonte: Prefeitura de Tocantinópolis (2020).

Os anciãos temem essa doença que veio de fora, do mundo do não indígena e pode nos matar. Segundo relato da anciã da aldeia Piaçaba, os “brancos” têm casa e equipamentos para fazer vacina e nós, índios, não. Se não nos unirmos, vamos morrer.

Não vamos desistir. Vamos lutar para que a memória desta pandemia para a geração futura seja de união e conquista.

Submetido em 25 de agosto de 2020.

Aceito em 05 de outubro de 2020.

Publicado em 16 de outubro de 2020.